

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

## UMA ANÁLISE A PARTIR DA HISTÓRIA CULTURAL SOBRE O CONSUMISMO DA IMAGEM DO VIKING NAS LENTES DE HOJE

VIEIRA, Leonardo Gonçalves<sup>1</sup>

### Resumo:

Este trabalho parte do objeto de estudo de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, que aborda os povos vikings por meio do conceito da História Cultural. Mais precisamente as suas crenças e religiosidade, e sua influência nos dias de hoje, tendo o cinema como fonte de pesquisa. Dentre as crenças pagãs, sobressai o culto a Odin e aos deuses asgardianos na Escandinávia Medieval. A relação de cinema/história foi bastante abordada pelo teórico da História Cultural chamado Marc Ferro, um pensador da terceira geração dos Annales. Diante do exposto apresentamos neste trabalho uma instigante questão: a cultura viking no contexto dos tempos atuais é tida como bem de consumo? Existe uma forma de mercantilização que foi criada para se consumir um estereótipo, neste caso o do viking? Temos como objetivo abordar a abrangência da plasticidade em que a forma do viking é convertida em bem de consumo nos dias de hoje, a exemplo da série *Vikings* do Netflix. Os estudos acerca da cultura se fundamentam em grande parte na forma em que a cultura é produzida, e isto é feito indiscriminadamente por todos, pessoas comuns ou artistas, leigos ou intelectuais. A cultura produzida muitas vezes se refere à cultura material, nestes casos, submetem-se as leis da indústria, do mercado e consumo. Em nossa realidade capitalista globalizada tudo se instrumentaliza como produto, objeto de consumo, poder e política; mesmo a cultura viking.

**Palavras-chave:** Viking. Escandinávia Medieval. Odin. História Cultural.

### 1. Introdução

Este trabalho parte do objeto de estudo de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, que aborda os povos vikings por meio do conceito da História Cultural. Mais precisamente as suas crenças e religiosidade, e sua influência nos dias de hoje, retratando essa cultura como objeto de consumo midiático e tendo o cinema como fonte de pesquisa.

---

<sup>1</sup> Graduado e mestrando em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: leonardo.gv1988@gmail.com.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Tal estudo traz temas do folclore e paganismo no norte da Europa, anterior à cristianização, na era viking. Pode-se observar uma larga influência do culto a Odin na cultura nórdica, e o seu arcabouço cultural advindo da mitologia em sua natureza metafórica e atemporal: um mundo mistificado e supersticioso onde aquilo que era evento real e aquilo que se acreditava ser real se misturam na narrativa de um povo indubitavelmente credor em elementos fantásticos, explicados pela mitologia.

Dentre as crenças pagãs, sobressai o culto a Odin e aos deuses asgardianos na Escandinávia Medieval. Por meio das suas representações imagéticas verificadas na série *Vikings* (HIRST, 2013), da Netflix, são apresentados com a intencionalidade histórica, e retratados alguns personagens, sendo dois dos principais Ragnar Lothbrok e Floki. Com o alcance propiciado pela mídia cinematográfica, esta obra nos instiga a análise e verificação histórica quanto aos estereótipos mais frequentes a cerca deste povo.

Para conhecer sobre este povo por meio destas representações de como os vikings são vistos nos dias de hoje, nos reportaremos à essa série de *streaming* da Netflix que apresenta muito material iconográfico sobre os vikings em particular, com todo o seu teor de misticismo, belicosidade, sagas e conquistas dos guerreiros de um povoado nórdico chamado *Kattlegat*.

Ao longo da história, as crenças politeístas em certos panteões foram fundamentais; somente de forma ilustrativa como comparação, sabe-se que em paralelo aos deuses de Asgard, que são os deuses nórdicos da cultura pagã Germânica e Escandinava, cultuados amplamente na Escandinávia medieval pré-cristã, houveram também os deuses gregos olímpianos que tiveram grande protagonismo histórico e cultural, como também os milhares de deuses Hindus cultuados até hoje na Índia, os deuses egípcios de grande influência na nossa cultura e são retratados inclusive no filme *Deuses do Egito*, (PROYAS, 2016).

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

A relação de cinema/história foi bastante abordada pelo teórico da História Cultural chamado Marc Ferro, um pensador da terceira geração dos *Annales*<sup>2</sup> que muito estudou sobre esta interrelação. Desta forma, Marc Ferro entendia que o cinema poderia ser concebido como uma fonte histórica a ser trabalhada, independente da veracidade ou do teor ficcional da obra/fonte.

Assim como Marc Ferro, contribuí neste estudo, iremos subsidiar a análise da série *Vikings*, com a contribuição de demais autores da temática da História Cultural, tratando nesta parte da pesquisa, da cultura geral e fê do viking medievo. Nesta abordagem também mostramos a projeção do estereótipo do viking como mercadoria, ou seja, produtos advindos da associação ao estereótipo do viking a serem vendidos das formas mais diversificadas.

Diante do exposto apresentamos neste trabalho uma instigante questão: a cultura viking no contexto dos tempos atuais é tida como bem de consumo? Existe uma forma de mercantilização que foi criada para se consumir um estereótipo, neste caso o do viking?

Temos como objetivo abordar a abrangência da plasticidade em que a forma do viking é convertida em bem de consumo nos dias de hoje, sob a análise das reflexões no âmbito da História Cultural a exemplo da série *Vikings* do Netflix; como a figura do viking se torna mercadorias das mais diversas.

Nossa hipótese a ser trabalhada neste momento, é a de que a cultura viking característica de um povo com seu folclore e senso de identidade pessoal, advinda do

---

<sup>2</sup> “No século XX, uma das mais notáveis escolas históricas foi a chamada **Escola dos Annales**, cuja atividade começou em 1929. Este nome, “Escola dos Annales”, ficou conhecido porque tal grupo se organizou em torno do periódico francês *Annales d'histoire économique et sociale* (Anais de história econômica e social), no qual eram publicados seus principais trabalhos. Os dois principais nomes da fundação desse periódico eram Lucien Febvre e Marc Bloch, e seus principais objetivos consistiam no combate ao positivismo histórico e no desenvolvimento de um tipo de História que levasse em consideração o acréscimo de novas fontes à pesquisa histórica e realizasse um novo tipo de abordagem. Por positivismo histórico, que era o alvo dos “*Annales*”, entende-se um tipo de visão do trabalho do historiador típico de uma corrente histórica também francesa, dominante no século XIX. Essa corrente entendia que ao historiador bastava expor as fontes escritas, sem necessidade de interrogar os documentos, de interpretá-los nas entrelinhas e de confrontá-los com outras fontes, como vestígios materiais arqueológicos etc. O modo de abordagem dos “*Annales*”, ao contrário, passou a valorizar essas outras fontes, além dos documentos escritos”. (FERNANDES, 2022).

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

medieval, foi trazida para a nossa atualidade, revivida como objeto de consumo. Através da comercialização de certa imagem, há um estereótipo de natureza guerreira que evoca uma alteridade, um senso de identidade que advém do povo viking.

É tratado neste estudo, ainda no item que busca analisar a cultura viking sob a ótica da História Cultural, a constatação quanto ao caráter multidisciplinar e transdisciplinar dos Estudos Culturais, já que este, parte de uma visão mais “globalizadora” ou mais “totalizadora” que se contrapõe a fragmentação imposta pelo Fordismo intelectual, (ORTIZ, 2004).

Existe uma cultura material sobre as práticas religiosas, sejam quais forem as religiões, que englobam a materialidade dos mais diversos ídolos, altares, santos, estatuetas, símbolos sagrados, terços, cálices, templos, oferendas sacrificiais, tapetes de oração, hóstias, vinho de eucaristia, batinas, confessionários, maquiagem ritualística, etc... Os objetos religiosos segundo o conceito da História Cultural são parte integrante desta abordagem historiográfica. No caso que tratamos aqui especificamente, os objetos culturais religiosos, embora inseridos no campo das religiões, também são parte da cultura material, bens de consumo.

Na série *Vikings* do Netflix o personagem Floki é uma figura que na sua essência é amplamente voltado à religião nórdica pagã, ao culto dos deuses nórdicos e a Odin. Ele se assemelha, em seus trejeitos marcantes, com o deus Loki e acredita indubitavelmente na presença e influência dos deuses no mundo.

Outros personagens tiveram protagonismo na referida série, como a figura feminina por meio das personagens das damas de escudo, dentre outras retratadas. Sabe-se que, pelo contrário, muitas das mulheres foram intencionalmente apagadas dos registros históricos, invisibilizadas justamente porque se pensava que a mulher não podia entrar para as páginas da história por seus feitos, que elas eram uma subcategoria (PEDRO, 2005 p. 90).

A justificativa de abordar um tema complexo e diverso, que abrange tanto História Cultural quanto História Religiosa, remete ao passado e ao presente. Sobre a representação do culto a Odin na série *Vikings* e em específico no tempo atual, pode ser

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

observado o que representa a imagem do viking pagão como bem de consumo, ante as mais diversificadas mercadorias que invocam esta atmosfera. Este modelo de identidade, de individualização para homens e mulheres, independe de etnia (havia vikings de inúmeras etnias), cultura, país, classe social daqueles que tem nesta imagem parte de seu senso de individualidade. O estereótipo do viking é um tema extremamente atual nas mídias, tribos urbanas<sup>3</sup> e nas representações sociais.

## 2. Breve abordagem sobre a cultura viking

Em sua relevância social devemos analisar o legado histórico dos vikings como grandes navegadores, conquistadores e desbravadores e analisar suas crenças mitológicas em seus deuses. Para retratar esta cultura existem obras audiovisuais como, por exemplo, o filme *Thor* (2011), que mostra os deuses da crença nórdica em uma temporalidade atual com o herói Thor, a cidade celestial de Asgard, a ponte de Byfrost que é a ponte do arco-íris que interliga os heróis até *Valhalla* e de volta outra vez, e o deus Odin liderando Asgard como o mais sábio dos deuses de uma forma bem produzida cinematograficamente.

A cultura, os hábitos dos povos visitados pelos escandinavos foram influenciados pelos aspectos da crença ao deus Odin. Nem sempre os escandinavos invadiam para saquear e pilhar ao modelo dos corsários, por vezes invadiam para estabelecer colônias agrícolas e plantavam seu sustento e seu legado cultural. Uma vez que dominavam o conhecimento de navegação e a tecnologia náutica, viajaram pelos mares alcançando primeiramente a região onde hoje é o Reino Unido, e também a

---

<sup>3</sup> O conceito de tribos urbanas criado em 1985 é atribuído pelo sociólogo francês Michel Maffesoli em seus artigos e reforçado em 1988 em uma obra sua; define tribos urbanas como agrupamentos semi-estruturados, constituídos predominantemente de pessoas que se aproximam através da identificação comum a rituais e elementos da cultura que por sua vez expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo. Também podem ser compreendidos como exemplos de tribos: góticos, hippies, patricinhas, playboys, skatistas, surfistas, metaleiros, drag queens, tribo do hip hop, clubbers, skinheads, punks, motoqueiros, roqueiros, grunges, rastafári, steampunk, emos, bikers, geeks, veganos, dorks, cosplayers, indies assim como muitos outros.

**HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E**

**VULNERABILIDADES SOCIAIS**

**PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido**

Groelândia, o Mar Mediterrâneo, dentre outras regiões longínquas, estabelecendo assim intercâmbios culturais.

### **3. Uma proposta de análise da cultura viking na perspectiva da história cultural**

Orientando-se em geral por uma noção muito restrita de “cultura”, os historiadores do século XIX em seu tempo costumavam passar ao largo das manifestações culturais das mais diversas que aparecem através da cultura popular, além de também ignorarem o fato de que qualquer objeto material produzido pelo homem faz também parte da cultura – da cultura material, no caso específico. Além disto, negligenciava-se o fato de que toda a vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura. Pelo simples fato de existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão, BARROS, (2003, p.145-171).

Poderemos evocar uma delimitação de História Cultural para sermos mais objetivos no alcance do conceito elaborado por Georges Duby (2003). Para o historiador francês, este campo historiográfico estudaria dentro de um contexto social os “mecanismos de produção dos objetos culturais” (aqui entendidos como quaisquer objetos culturais, e não apenas as obras-primas oficialmente reconhecidas) (DUBY, 2003 p. 145-171).

São elementos relevantes a serem tratados na História Cultural: as relações familiares, a língua, as tradições, a religião, a arte e algumas ciências. Nesse ínterim, analisando a gama heterogênea de subsídios que compõe a História Cultural, é possível afirmar que a mesma se trata de uma matéria interdisciplinar, ou ainda, multidisciplinar, visto que abarca várias fontes científicas de estudo utilizando-se de diversas ciências, tais como: etnologia, geografia, antropologia, literatura, economia, comunicação entre outras.

Consideraremos que a História Cultural é aquele campo do saber historiográfico atravessado pela noção de “cultura” (da mesma maneira que a História Política é o

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

campo atravessado pela noção de “poder”, ou que a História Demográfica se funda essencialmente sobre o conceito de “população”, e assim por diante). A cultura, portanto, é um conceito extremamente polissêmico (DUBY, 2003, p. 145-171).

A figura do viking se define como uma cultura sendo originalmente não cristã pois advém de religiosidade politeísta em relação aos deuses ario-germânicos, os deuses do panteão odinista asgardiano. A cultura viking se apresenta atualmente como uma cultura não essencialmente masculinizada (embora o fosse no passado medievo histórico) que hoje tem uma dimensão e alcance atemporal e global até mesmo para aqueles que são indiferentes ou desconhecem a mesma cultura advinda dos denominados povos vikings que viveram na Escandinávia Medieval.

Segundo Fressato (2009, p. 95), o pesquisador Marc Ferro é reconhecido na atualidade como um dos pioneiros a refletir sobre a problemática da relação entre cinema e sociedade. Lembra que nos anos 1970, quando estava no auge do movimento da Nova História, ele perguntava e na sequência afirmava com a mesma questão formulada que: o filme é uma contra análise da sociedade: “[...] o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é história” (FERRO, 1995, p. 203 apud. FRESSATO, 2009, p. 85). Assim, analisa a oposição tradicional criada entre a “[...] ficção e o documento que pode ser julgada tão artificial quanto a que opõe o escrito e a imagem, ou inclusive o sonoro ao mudo, da política ao jornal noticiário, e de sua representação e seu comentário, do real e da ficção” FERRO (2009, p. 17).

Marc Ferro era um teórico da História Cultural, em seu trabalho construiu vínculos entre o cinema e a pesquisa histórica a serem explorados, independente da ficcionalidade, pois argumentava que esta tênue linha entre o real e o fictício é totalmente artificial, pois em uma análise, o fato histórico exatamente como ocorreu é desconhecido e impreciso; ao mesmo tempo em que as representações cinematográficas são repletas de floreios, imprecisões e possíveis anacronismos. Especificamente nos anacronismos ao analisar a série *Vikings* devemos nos ater ao conceito da Virada Cultural, melhor descrito no próximo item, conhecida também como Virada Linguística

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

na qual, segundo Hall (1997), o termo linguístico e a coisa em si são o mesmo, e este conceito e também a coisa não era conhecida em certo momento da história. A exemplo de virada linguística podemos dizer que no período da revolução francesa o conceito de átomo não existia, não era conhecido como objeto nem como termo.

## 4. Cultura, identidade e poder

Segundo Hall (1997), hoje lidamos com a criação de novos espaços e espaços virtuais. Na modernidade em que vivemos reconhecemos o deslocamento do capital que antes iria para as indústrias de carvão, ferro e aço hoje esses recursos são direcionados para a revolução cibernética que tem sido responsável por diversos ganhos financeiros. Em intervalos de minutos nas bolsas de valores que podem resultar no ganho ou perda de milhões de dólares são características peculiares de nosso tempo.

A internet e também associada a ela o serviço de streaming da Netflix, pela qual a série *Vikings* foi lançada em 2013, entram nestas novidades relacionadas à revolução cibernética; o streaming independe do cinema e da televisão aberta ou serviço de tv a cabo, sendo uma mídia a parte que lucra milhões em suas séries e possui um orçamento gigantesco advindo da mensalidade dos assinantes do serviço Netflix.

Com este mega instrumento de criação, e investimentos de alta magnitude pode-se criar novos ícones, novas leituras da história, com base no tempo atual, incorporando nos personagens, nas histórias e nos fatos acontecidos ou pressupostos no medievo, novos conceitos, novas ideias, que só vieram à luz na atualidade.

Certos conceitos como o da Virada Cultural na atualidade demonstram que os termos que designam as coisas também são as coisas. Conceitos como feminismo e representação identitária de minorias étnicas segundo a virada cultural, não existiam no passado na era viking nem como termo nem como ideia. Segundo Hall (1997), a cultura existe dentro de um “jogo de poder” instituído por aqueles que pretendem por intenções comerciais ou políticas, regular a cultura para influenciar o que ocorre no mundo. Sendo



# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

a cultura um lugar de identidade e poder; mesmo a cultura viking nos dias de hoje é voltada em grande parte para a indústria do entretenimento, para vender jogos eletrônicos, livros, filmes, séries (como a série *Vikings* da Netflix) comercializando o estereótipo do guerreiro, do bruto selvagem e corsário, do bárbaro exótico, dos destemidos heróis ou vilões das terras frias do Norte.

Outro aspecto tratado com relevância por Ortiz (2019) diz respeito à problemática do poder. Tradicionalmente as ciências sociais tenderam a identifica-lo com a política. Temas como o Estado, governo, partidos, sindicatos e movimentos sociais tornaram-se hegemônicos entre os cientistas sociais. A cultura ficava um tanto à margem disso tudo.

De qualquer maneira, conceber a esfera da cultura como um lugar de poder significa dizer que a produção e a reprodução da sociedade passam necessariamente por sua compreensão; dimensão que se acentua no contexto da globalização.

A alteridade advinda das músicas, variações do estilo Heavy Metal, das roupas e aparências em geral que invocam a cultura desse estilo musical representadas em bandas como Amon Amarth e Manowar constituem algumas “tribos urbanas” que tem como pilar fundamental esta conexão com a cultura viking: lírica, subjetiva, poética, profunda e porque não raras vezes utilizando-se de um viés espiritual/espiritualista com a cultura nórdica dos ancestrais vikings.

A Islândia, Suécia, Finlândia, Dinamarca, e principalmente a Noruega, por serem países cristianizados, enaltecem a figura do “nórdico” (norseman) o homem do norte cristão que são tidos como ancestrais do povo escandinavo cristão atual e descredibiliza o “viking” pagão como sendo destruidores e selvagens.

Até hoje a Noruega é o lar de origem da variante do metal, o Black Metal fundado pela banda norueguesa “Mayhem”<sup>4</sup>, conforme representado nas entrevistas e

---

<sup>4</sup> Mayhem (1984). Banda do gênero “Black Metal” fundada na Noruega em Oslo. O grupo acumulou um público fiel através de esporádicas e notórias performances ao vivo, atraindo mais atenção por suas ligações a uma série de incêndios a [igrejas](#) norueguesas e por violentos incidentes que os cercaram. Considerado o grande precursor do gênero, o Mayhem influenciou fortemente todo o black metal e foi fundamental para a evolução do metal extremo mundial.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

reportagens como “Untill the Light Take Us” (Audrey Ewell, 2009) e “Black Hearts” (Christian Falch e Fredrik Horn Akselsen, 2016).

Para estudar a cultura é necessária uma abordagem multifacetada, o que pressupõe trazer diversas áreas do conhecimento para compor uma análise, como a da cultura viking.

## 5. A multidisciplinaridade nos Estudos Culturais

Ortiz (2004), observa que os “estudos culturais” não existem no Brasil como área disciplinar. Ele afirma que no Brasil a penetração dos “estudos culturais” se faz pelas bordas, ou seja, na periferia do campo hierarquizado das ciências sociais, particularmente nas escolas de comunicação, o que demonstra o conservantismo de disciplinas como sociologia, antropologia e literatura. Entretanto, mesmo assim, elas permanecem fiéis aos seus estatutos institucionais, mediante a conservação de seus textos e autores.

Os “estudos culturais” Segundo Ortiz (2004) caracterizam-se por sua dimensão multidisciplinar, quebrando as fronteiras tradicionalmente estabelecidas nos departamentos e nas universidades. Para Ortiz, este é um aspecto altamente positivo no processo de renovação das ciências sociais. O movimento de institucionalização do conhecimento durante o século XX caminhou muitas vezes para uma espécie de fordismo intelectual, uma superespecialização no qual as especialidades, as subdivisões disciplinares e temáticas implicaram a preponderância de um saber fragmentado em relação a uma visão total dos fenômenos sociais.

Renato Ortiz acha que a transdisciplinaridade dos Estudos Culturais é positiva, uma visão mais “globalizadora” mais “totalizadora”. Entretanto não se deve considerar a relevância da multidisciplinaridade como algo que equivale ao fim das fronteiras dos campos humanos científicos, ela tem seus aspectos positivos pois as fronteiras disciplinares são necessárias para a existência de um conhecimento autônomo.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Entendendo cultura popular como parte da identidade de um povo, entendemos também o “conhecimento popular” o “Folk Lore” como o conhecimento oposto ao da alta cultura, sabedoria advinda do povo. Esta noção de folclore e cultura popular chega a influenciar como nós nos enxergamos, nosso senso de identidade nacional, nossa identidade e unidade pela qual nós direcionamos a nossa política.

E, desta forma, necessário se faz a busca da visão da área de Comunicação para lançar luz na questão da criação de um estereótipo ampliado da cultura viking, objeto de consumo comercializado em larga escala, como no caso da série *Vikings*.

Porem o conceito de consumismo associado à materialidade referente aos objetos religiosos; neste caso nos remete a uma universalidade de tudo o que é capitalizado e consumido industrialmente. Nada escapa deste modelo capitalista de se produzir e consumir, deste modelo industrial nem mesmo a esfera do religioso e espiritual, pois depende da materialidade da fé através dos objetos religiosos tão importantes nas devoções religiosas intimamente dependentes da esfera do que é material.

Quanto à venda da imagem estereotipada do viking nos dias de hoje; frente a sua religiosidade de tradição pagã, o que se comercializa é o exotismo sombrio e macabro, a exemplo de algumas cenas de sacrifícios de animais e humanos na figura dos sacerdotes sacrificiais, tais como o ato de borrifar sangue sacrificial em cerimônias e outros costumes antigos totalmente diferentes das religiões atuais, que dão um ar de exótico e macabro à imagem do viking. Quando representados no cinema, estas práticas causam espanto, choque, perplexidade e fascínio ao público além de reforçar a atmosfera exótica que paira ao redor da figura do viking antigo.

## **6. Religiosidade, cultura material e objetos religiosos: consumindo a materialidade da fé**

O conceito discorrido anteriormente de “História Cultural” aqui se articula juntamente com a vertente da religiosidade politeísta nórdica e seu folclore tanto em

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

passado como no tempo presente. Percebemos nos praticantes antigos e atuais da religião odinista, crenças e folclore próprios; dentre os vikings medievais até os praticantes da mesma devoção nos dias de hoje. Os pagãos atuais se configuram de diversos ramos do neopaganismo (politeísmo) sendo estes: as vertentes da wicca, os àsatru, a bruxaria tradicional e a stregheria italiana; todas elas são formas de veneração aos deuses (inclusive os deuses nórdicos). Pode ser observada a manifestação da experiência íntima e indescritível de eminência do sagrado, assim como entendidas também em manifestação de fé em analogia as outras religiões como cristãs, judaicas e muçulmanas.

A experiência religiosa/espiritual, seja de que religião for, muitas vezes nos conduz a vivências de manifestação de fé, do divino e do indizível. Experiências nas quais o indivíduo se torna um com o sagrado, onde milagres são alcançados e palavras são insuficientes para expressar esta sublimidade.

A autora Menezes (2019) afirma acerca da experiência religiosa que, ao lado de pessoas tomadas por tanta emoção, as conversas ou entrevistas poderiam se revelar não apenas inadequadas, ao forçar a verbalização de algo que costuma ser da ordem do impensado ou do indizível, mas também demasiado invasivas do ponto de vista da ética profissional.

Tendemos a entender o que é espiritual separadamente do que é material, na adoração de ídolos, santos, imagens sagradas, relíquias, contudo não é isso o que acontece. A associação entre religião e matéria pode parecer um paradoxo, já que em muitas concepções, nada mais distante do mundo material que o religioso. Na verdade, segundo afirma a autora, grande parte do tempo dedicado à religião envolve o manuseio de coisas, objetos religiosos.

Segundo o conceito mais delimitado de História Cultural de Georges Duby (2003), anteriormente mencionado, este campo historiográfico estudaria a produção de quaisquer objetos culturais, e não apenas obras-primas reconhecidas oficialmente.

Portanto outra dimensão da mercantilização da cultura viking (no viés espiritual) somente confirma a plasticidade em que o viking é explorado e vendido. Plasticidade

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

que explora a comercialização de ídolos, livros, jogos, filmes, séries, bebidas típicas, roupas de cosplays, armas ornamentais, etc. na qual a faceta dos objetos religiosos é apenas um lado deste vasto prisma.

Na adoração de seus deuses, os vikings eram indubitavelmente idolatras, adoravam estatuas, representações externas de seus deuses, talismãs, o símbolo gráfico e o gesto com as mãos do martelo de Thor (gesto muito semelhante ao sinal da cruz dos católicos) eles tinham das mais diversas representações materiais para seus deuses.

Conforme descrito sobre os “mecanismos de produção dos objetos culturais” de Duby (2003), a materialidade da religião e os seus objetos religiosos são parte do escopo que a História Cultural abrange e são objetos de consumo daqueles que se dedicam a qualquer sistema de crenças religiosas. Do monoteísmo cristão, judaico ou muçulmano ao politeísmo asgardiano odinista, estão todos estes praticantes sujeitos ao consumo de objetos religiosos como parte da prática teológica, espiritual, religiosa de suas religiões.

## **7. Série *vikings*: breves considerações ao personagem Floki**

Segundo Palamin (2015) ao longo de suas três temporadas, o seriado *Vikings* abordou diversas narrativas mitológicas escandinavas, com alguns elementos da realidade histórica que foram representadas em seus personagens ou mesmo mitos contados por eles. Sem dúvida, o personagem que mais apresenta tal abordagem mitológica é o construtor de barcos Floki. Já em sua primeira menção na série, quando Ragnar leva seu filho Björn para conhecer Floki, este indaga — “Floki? Como o deus Loki?” e Ragnar responde: — “Sim, mas diferente”, — “Como diferente?” Björn pergunta, — “Ele não é um deus” responde Ragnar. Podemos entender de certo modo, que essa fala inicial dita o rumo do personagem ao longo do seriado: Floki se assemelha em diversos aspectos com o deus Loki, mas não se trata do deus em si.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Floki crê veementemente na existência e na ação dos deuses no mundo terreno, a ponto de ele dizer, no sexto episódio da terceira temporada: “alguns homens desejam mulheres, Helga, alguns desejam o ouro, mas eu apenas desejo agradar aos deuses”.

Nesse caso a imagem do personagem Floki construída na série “*Vikings*” é uma contraposição ao estereótipo genérico da figura rude do viking, trazendo irreverência e admiração do público, agradando nas mídias cinematográficas pela plasticidade de suas formas como objeto de consumo.

Assim como o fez com o personagem Floki, a produção da série *Vikings* buscou retratar no viés ficcional, personalidades que pudessem conquistar um público por sentimentos de simpatia ou antipatia e atrair milhares de telespectadores ávidos, dando inclusive, vez e voz ao gênero feminino, como protagonistas, o que não existe nos registros da história medieval.

## **8. A categoria gênero na pesquisa histórica – protagonismo da mulher na série vikings**

Remetemos-nos à série *Vikings* quanto a personagem Lagertha, a dama de escudos que é uma espécie de guerreira feminina entre o povo viking. Conforme esta personagem protagoniza na série exercendo a mesma influência ou ainda maior em termos de protagonismo e poder que os demais personagens, percebemos este empoderamento na figura feminina. Ao longo de sua participação na série dentro de seu enredo, a fama e notoriedade que a personagem Lagertha exerce é de grande relevância, e, portanto, discrepante com a realidade histórica do povo viking, na qual a mulher era dona de casa e coadjuvante social da figura masculina.

Na série a popularidade desta dama de escudos repercutiu no público uma forte identificação com as ideologias de empoderamento feminino, de feminismo e de protagonismo da mulher. Sem estes sutis anacronismos, sem estas visões atuais de empoderamento, com certeza a série teria menor impacto e menos recepção do público

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

por parte das mulheres; assim como também menos conexão com a atualidade em que vivemos. Reportar-nos ao protagonismo da personagem Lagertha também significa dizer que sem ela, a série *Vikings* não seria tão popular e venderia menos, se não fosse por esta figura inspiradora da dama de escudos tão amada pelo público do seriado que confirma e dá espaço à mulher na cultura viking representada hoje.

## 9. Considerações Finais

Cumprindo o objetivo inicial, após a análise proposta, identificamos a comercialização do estereótipo da cultura viking como objeto de consumo.

Para tanto foi utilizado neste trabalho o referencial da série *Vikings* e assim pudemos puxar o fio do novelo não somente sobre a temática da religião odinista no mundo real na Escandinávia Medieval no período da Era Viking do ano de 793-1066; mas também possibilitou descrever e problematizar como o estereótipo viking é consumido atualmente.

A obra ficcional da série *Vikings* do serviço de streaming Netflix, contou com um orçamento de 4 milhões de dólares por episódio segundo informa o site *Adoro Cinema*, com vastos recursos cinematográficos para ambientar a série em cenário e temporalidade da época; tantas batalhas de época, personagens fictícios e outros inspirados em indivíduos históricos. Em uma escala hollywoodiana de alcance internacional foi reconstruído um determinado povo, sua ascensão e suas sagas em um tempo medievo específico.

Podemos considerar, como resultado deste estudo, que o viking hoje é parte de um estereótipo comercializável que se manifesta com notória plasticidade em diversas mídias. Esta imagem do povo viking é voltada em grande parte para a indústria do entretenimento, para a transformação em produtos de consumo, como jogos eletrônicos, livros, filmes, séries, etc. reproduzida com propósito de vender, ser comercializável, popular, gerar lucro e não como produção histórica para ser preservada em museus e arquivos.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Os estudos acerca da cultura são transdisciplinares e se fundamentam em grande parte na forma em que a cultura é produzida, e isto é feito indiscriminadamente por todos, pessoas comuns ou artistas, leigos ou intelectuais. A cultura produzida muitas vezes se refere à cultura material, nestes casos, submetem-se as leis da indústria, do mercado e do consumo. Em nossa realidade capitalista e globalizada tudo se instrumentaliza como produto, objeto de consumo, poder e política; mesmo a identidade de um povo advindo de sua cultura.

O legado da série *Vikings* para os dias de hoje é justamente entretenimento, uma boa história que nos proporciona mais empatia e amor sobre a disciplina História. Até mesmo o público jovem cativado por esta série é remetido a uma afeição sobre outros espaços e tempos através da atmosfera e da ambientação tão envolvente. Uma saga medieval como é esta série tão bem narrada, provocando seu fascínio e espanto nas cenas mais chocantes, digna de um orçamento elevado com suas reviravoltas e rupturas que tanto nos remete ao gosto pela ciência da humanidade um determinado tempo e num determinado espaço como afirmava o historiador Marc Bloch; como nos remete enquanto pesquisadores e historiadores, a uma fonte que nos instiga ao aprofundamento e análise buscando por outras fontes e nos reportando ao passado, e reconstruindo um tempo histórico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max” A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas.” (1947) In: *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

APPADURAI, Arjun. “[Disjuncture and difference in the global cultural economy](https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/026327690007002017)” p. 295-310 from the SAGE Social Science Collections (1990). Disponível em: <[https://journals.sagepub.com/doi/pdf/ 10.1177/026327690007002017](https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/026327690007002017)>. Acesso em: 08/01/2020.

BARROS, José D’Assunção. “**História Cultural: um panorama teórico e historiográfico**” Artigo publicado na revista Textos de História (Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB). dezembro de 2003, volume 11, n.1/2, jan. 2003. p.145-171.



# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

## VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

BENJAMIM, Roberto. **Conceito de Folclore**. Texto Unicamp. Disponível em <[http://www.unicamp.br/folclore/material/extra\\_conceito.pdf](http://www.unicamp.br/folclore/material/extra_conceito.pdf)>. Acesso em 06 dez 2017.

BROWNE, Dik. **“Hagar o Horrível”** Tiras de Quadrinhos, 1973.

FERNANDES, Cláudio. **Escola dos Annales**. In: Revista História do Mundo. Rede Omnia, 2022. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/escola-dos-annaes.htm>>. Acesso em 22/01/2022.

FERRO, Marc. **A quem pertence as imagens?**. In: **“Cinematográfico: um olhar sobre a história”**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. Da Unesp, 2009, p. 17.

FRESSATO, Soleni B. **Cinematógrafo: Pastor de almas ou diabo em pessoa?** In: **“Cinematográfico: um olhar sobre a história”**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. Da Unesp, 2009, p. 13 e 85).

DUBY, Georges. **“As cidades invisíveis”**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.

HALL, S. “The centrality of culture: notes on the cultural revolutions of our time” (Cap. 5). In.: THOMPSON, Kenneth (ed.). **Media and cultural regulation**. London, Thousand Oaks, New Delhi: The Open University; SAGE Publications, 1997.

HOWARD, Robert E. **“Conan o Bárbaro”** em quadrinhos. Primeira adaptação em 1952 no México, publicada pela Marvel Comics, 1970.

LANGER, Johnni. **“Os Vikings e o Estereótipo do Bárbaro no Ensino de História”** História & Ensino, Londrina, v. 8, p. 85-98,, out. 2002.

LARSSON, Carl. **“Midvinterblot”** Quadro do pintor sueco localizado e exposto no [Museu Nacional de Belas-Artes da Suécia](#), 1915.

MAFFESOLI, Michel. **“Le temps des tribus: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes”**, (1988). Editora: La Table Ronde, 2019.

MENEZES, Renata. “Os objetos religiosos cabem em quais vitrines?” In: **Coleções étnicas e museologia compartilhada**. Orgs. Nuno Porto; Manuel Lima Filho. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019.

# HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

# VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

NÓVOA, J.; FRESSATO, Soleni B.; FEIGELSON, Kristian (orgs). **“Cinematográfico: um olhar sobre a história”** Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. Da Unesp, 2009.

ORTIZ, R. Artigo: **“Estudos Culturais”** (2004). Disponível em: <[https://www.scielo.br/j/ts/a/C7ycvjMM\\_TCR\\_VFY99PTFrj3h/?lang=pt](https://www.scielo.br/j/ts/a/C7ycvjMM_TCR_VFY99PTFrj3h/?lang=pt)>. Acesso em: 04/01/2022.

ORTIZ, R. Artigo: **“Notas sobre uma trajetória e os Estudos Culturais”** – UNISINOS (2019). Disponível em: <[http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/csu.2019.55.2.01/60747325](http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2019.55.2.01/60747325)>. Acesso em: 04/01/2022.

PALAMIN, Flávio Guadagnucci, Artigo do N.E.V.E. “Floki, Loki e Outras Representações”, agosto-dezembro, 2015. p. 33-41.

QUEIROZ, Renato da Silva. “O herói-trapaceiro: reflexões sobre a figura do trickster”. In: Revista Tempo Social, São Paulo, v. 3, n. 1-2, 1991, p. 93-107.

PEDRO, Joana Maria, **“Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica”** SÃO PAULO, v.24, N.1, 2005. P.77-98 .

ROCHA, Everaldo. **O que é mito?** Coleção Primeiros Passos. Publicação Original: 1996. Disponível em: <<https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/04/Cole%C3%A7%C3%A3o-Primeiros-Passos-O-Que-%C3%A9-Mito.pdf>>. Acesso em 09/05/2020.

STURLUSON, Snorri. **“Heimskringla I: the beginnings to Óláfr Tryggvason”**. Tradução de FINLAY, Alison; FAULKES, Anthony. Viking Society for Northern Research. London, 2011 p. ix.

VIEIRA, Leonardo Gonçalves. **O Legado da Mitologia Nórdica no Heimskringla**. In: Anais do 31º Simpósio Nacional de História [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia/organização Márcia Maria Menendes Motta. -- 1. ed.São Paulo : ANPUH-Brasil, 2021.

## Referências Filmográficas:

BRANAGH, Kenneth. **“Thor”** Paramount Pictures e Marvel Studios (2011).

DORFMANN, Jacques. **“A Lenda de um Guerreiro”** [TF1 International](#), Eiffel Productions, Transfilm, La Mutualité Française, SMK Limited (2001).

EWELL, Audrey. **“Untill the Light Take Us”**, documentário (2009).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

FALCH, Christian e AKSELSEN, Fredrik Horn. “**Black Hearts**”, documentário (2016).

HIRST, Michael. “**Vikings**” Séries de televisão do serviço de Streaming “Netflix” (2013).

McTIERNAN, John. “**O Décimo Terceiro Guerreiro**” Touchstone Pictures (1999).

MILIUS, John. Universal Studios “**Conan o Bárbaro**” (1982).

NISPEL, Marcus. “**Desbravadores**” Phoenix Pictures (2007).

PIERCE, Charles B. “**O Viking**” Charles B. Pierce Film Productions (1978).

PROYAS, Alex. “**Deuses do Egito**” Summit Entertainment (2016).